

Petistas e bolsonaristas têm mesmo tamanho

A paridade do resultado foi vista pela primeira vez no Datafolha

Por Karoline Cavalcante

Levantamento divulgado pelo Datafolha mostra que, pela primeira vez na série histórica, o apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) se igualou. A mais recente pesquisa do instituto revelou na quarta-feira (18) que, atualmente, 35% dos brasileiros se identificam como bolsonaristas, mesmo percentual dos que se consideram petistas.

O resultado representa tanto o índice mais baixo apresentado pela população petista desde a primeira pesquisa — realizada em dezembro de 2022 — quanto o mais alto avanço entre os que apoiam o ex-presidente. Quando comparados aos dados de abril deste ano, o percentual de pessoas que se alinham ao atual presidente caiu de 39% para 35%, enquanto os favoráveis a Bolsonaro passaram de 31% para 35%.

Vale ressaltar que a vantagem dos petistas sobre os bolsonaristas havia sido mais expressiva no início do ano, com uma diferença de até 10 pontos percentuais, registrada em março de 2023 e março de 2024. Nas demais pesquisas, essa diferença variou entre seis e oito pontos, até chegar ao atual empate técnico.

Divisão

Desde que Lula assumiu o seu terceiro mandato, o instituto questiona os entrevistados sobre sua identificação política, utilizando uma escala de um (bolsonarista) a cinco (petista). As respostas “um” ou “dois” foram categorizadas como os defensores do ex-chefe do Executivo, enquanto “quatro” ou



Lula e Bolsonaro dividem 70% da sociedade brasileira

“cinco” indicam apoio ao PT. A pesquisa revelou que, juntos, esses dois grupos polarizados representam agora 70% da população.

Os 30% restantes se dividem entre 20% considerados neutros, aqueles que escolheram a opção “três”; 7% que afirmaram não se identificar com nenhum dos dois lados; e outros 2% que não souberam responder. Esses números se mantiveram estáveis ao longo das nove edições da pesquisa.

O levantamento entrevistou 2.004 pessoas em 136 municípios de todas as regiões do Brasil e foi realizado presencialmente nos dias 10 e 11 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais.

Popularidade

O recuo do núcleo petista coincide com a alta da percepção negativa do governo nas últimas pesquisas de diferentes empresas. Neste meio tempo, o Palácio do Planalto vem en-

frentando uma série de adversidades políticas. Nos casos mais recentes, estão as dificuldades de negociar com o Congresso Nacional as alternativas para o aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), além da crise do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) — quando aposentados e pensionistas beneficiários tiveram descontos nas folhas de pagamento por mensalidades associativas não autorizadas.

Ao Correio da Manhã, a consultora de Análise Política da BMJ Consultores Associados, Raquel Alves, avaliou que considerando essa trajetória de queda acentuada de popularidade do presidente Lula, um declínio no percentual de brasileiros que se apresentam como petistas já era esperado.

No entanto, destacou que o crescimento do bolsonarismo, nas atuais circunstâncias, é o que merece maior atenção. O ex-presidente está inelutável até 2030 por decisão do Tribunal

Superior Eleitoral (TSE), que o condenou por abuso de poder e uso indevido dos meios de comunicação. Além disso, o político é atualmente réu no Supremo Tribunal Federal (STF) por supostamente participar de uma tentativa de golpe de Estado, em 2022 — e a pesquisa foi conduzida durante e após os interrogatórios de Bolsonaro na Corte.

Polarização

Para a analista, o primeiro efeito claro dos resultados será uma eleição extremamente polarizada em 2026. Segundo ela, não apenas para o cargo de presidente, “mas também para os governos estaduais e cargos legislativos”.

“Numa visão mais ampliada, os dados reforçam a interpretação de que um cenário de arrefecimento da polarização política no Brasil só deve avançar quando (se) iniciarmos um novo ciclo político no Brasil com novos nomes”.

Abin Paralela: PF coloca Bolsonaro como figura principal

Por Karoline Cavalcante

Inquérito da Polícia Federal revelou novos detalhes sobre o uso político da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) durante o governo de Jair Bolsonaro (PL). O documento, que envolve uma investigação sobre um esquema de espionagem ilegal, destaca a possível participação do ex-presidente no núcleo central de uma organização criminosa responsável por condutas ilícitas dentro do órgão. O relatório foi tornado público na quarta-feira (18), após decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes.

A PF aponta que esse grupo não apenas coordenava as diretrizes estratégicas da organização, mas também se beneficiava politicamente das ações clandestinas realizadas. A principal função seria a de definir alvos de operações secretas, que incluíam opositores, instituições públicas e até mesmo o sistema eleitoral. Esses alvos foram monitorados com o objetivo de garantir vantagens financeiras e políticas, como a manutenção no poder e ataques a adversários.

Núcleo político

Entre os principais membros desse núcleo, além do ex-chefe do Executivo, estão seu filho, o vereador do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro (PL), o deputado federal Alexandre



Bolsonaro é apontado como principal beneficiário

Ramagem (PL-RJ) — que à época comandava o órgão. O relatório, que possui 1.125 páginas, também menciona outros nomes, como o atual diretor-geral da Abin, Luiz Fernando Corrêa, além de diversos servidores da própria agência.

“Jair Messias Bolsonaro figura como o principal destinatário do produto das ações clandestinas e da instrumentalização da Abin”, diz trecho.

As apurações revelaram, ainda, que a estrutura clandestina implementada também realizou a disseminação de desinformação com o objetivo de enfraquecer o sistema elei-

toral brasileiro. “Esta estrutura utilizou-se dos recursos da agência para atender interesses particulares de ordem política, incluindo ações destinadas a influenciar o resultado das eleições presidenciais de 2022”, afirmou a corporação.

O parecer foi concluído e enviado sob sigilo à Suprema Corte na terça-feira (17). Nele, foram indicadas mais de 30 pessoas. Apesar de ser apontado como personagem central, Bolsonaro não foi indiciado, porque ele já responde criminalmente no STF na ação penal sobre tentativa de golpe, e essa denúncia também menciona o

uso paralelo da Abin. O mesmo serve para Ramagem.

First Mile

A investigação teve início com a apuração do uso de um software israelense de monitoramento chamado “First Mile”, que foi adquirido em 2018 por cerca de R\$ 5,7 milhões. Inicialmente, com o objetivo de ajudar durante operações de vigilância em áreas de alta violência no Rio de Janeiro.

No entanto, entre 2019 e 2021, a Abin teria realizado mais de 60 mil consultas ilegais, rastreando a localização de celulares de figuras públicas, como ministros do STF, jornalistas e opositores do então governo. As operações, realizadas de forma clandestina, ocorreram especialmente em períodos eleitorais, com maior concentração de atividades em outubro de 2020.

Marcelo Câmara

Também na quarta-feira, Moraes determinou a prisão preventiva do coronel do Exército Marcelo Costa Câmara, ex-assessor de Jair Bolsonaro, por descumprir as determinações do processo sobre a trama golpista, ao qual também é réu na Suprema Corte. O motivo seria uma conversa entre o advogado de Câmara, Eduardo Kuntz, e Mauro Cid — delator do caso e ex-ajudante de ordens de Bolsonaro — em busca de informações sigilosas.

CORREIO BASTIDORES

POR FERNANDO MOLICA

Marcelo Camargo/Agência Brasil



Sidônio terá muito trabalho pela frente

Ministro Sidônio não se abala com empate em pesquisas

O publicitário Sidônio Palmeira é o ministro-chefe da Secretaria de Comunicação do Planalto. Sua área é a mais visada do governo em tempos de baixa nas pesquisas.

Ele disse à coluna que não se abala com resultados recentes, como do Datafolha que aponta um empate entre Lulistas e bolsonaristas no eleitorado: “Considero um certo exagero tentar antever

agora o resultado da eleição em outubro do ano que vem. E se for olhar bem, em todas as pesquisas o Lula acaba se saindo como favorito. Ou seja, o quadro não é tão negro como pintam.”

Sidônio lembra que apesar dos inúmeros erros do governo passado e das 700 mil mortes na pandemia da Covid, Jair Bolsonaro perdeu por pouco a eleição para Lula.

Dez crises

Sidônio anotou ter enfrentado, em cinco meses, pelo menos dez crises. As mais pesadas: Monitoramento de transações com Pix acima de R\$ 5 mil; aumento do IOF; fraudes contra aposentados do INSS; demissões de ministros da Previdência e da Comunicação.

É a economia!

O governo aposta que a economia no ano que vem favorecerá a popularidade do presidente Lula. Dólar e inflação dão sinais de queda junto com os juros. A safra agrícola 2024/2025 é um recorde histórico, e a de 2025/2026 também aponta para um bom desempenho.



IA produz vídeo fake de Lula agarrando Zelensky

É grande a preocupação com IA nas eleições de 2026

Circula na internet e nas redes sociais um vídeo fake produzido por Inteligência Artificial (IA) em que o presidente Lula estaria embriagado na reunião com chefes de Estado do G7, no Canadá.

O vídeo apresenta Lula agarrando o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e a primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni,

antes de desabar no chão.

Ministros do Tribunal Superior Eleitoral acreditam que este tipo de produção com base em IA irá graçar solta nas eleições de 2026.

O Tribunal se prepara para reagir com rapidez às denúncias. Mas os ministros também sabem que haverá grande resistência das plataformas digitais.

Ratinho

Outro vídeo que circula na internet é com o governador do Paraná, Ratinho Junior, se apresentando ao país. Este não é fake. Quanto à candidatura a Presidente pelo PSD, Ratinho terá dificuldades em torná-la real. Boa parte do partido já está com Lula ou Bolsonaro.

Usar maquina

Entre opositores, o foco não é no uso da IA pelo governo. Os adversários de Lula acreditam que o PT tende a cair nas teias da Justiça Eleitoral em 2024 por uso da máquina pública. Veem o presidente da República descredenciado demais nas suas andanças pelo país.

Acareação 1

A equipe da defesa do general Braga Netto aposta que o tenente coronel Mauro Cid irá tremer e se contradizer na frente do seu superior no Exército durante a acareação no Supremo Tribunal Federal. Quando no governo, Cid sempre demonstrou temer o general.

Acareação 2

Já com o ex-comandante do Exército Freire Gomes, Braga Netto não quer saber de acareação. Imagina o constrangimento que seria seu coleg de farda, também general, perguntando por que o xingou de “Bundão”. Ficaria claro que foi porque não aderiu ao golpe.